

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ

100 ANOS DE PAULO FREIRE: HISTÓRIAS DO PRESENTE/PASSADO E DO FUTURO

 Afonso Celso Scocuglia

 José Eustáquio Romão

Este é um longo dossiê. E não poderia ser de outra forma, como ocorre com os dossiês tradicionais publicados em periódicos científicos. É que seu alvo é um educador e pensador cujo legado extrapola, por suas dimensões, todos os limites, seja na diversidade de seus campos de sua aplicação, seja na cobertura de universos planetários. Além disso, ele vem sobrevivendo e – o mais interessante: vem se consolidando a cada ano que passa no século atual – desde sua formulação na segunda metade do século XX.

Quando se publica um dossiê em um periódico científico, em geral, tem-se a pretensão de destacar determinado tema ou determinado pensador. No caso em tela, trata-se de um dossiê que pretende destacar o legado de Paulo Freire. Comemorando o centenário de nascimento dele e convencidos de que não há melhor maneira de homenagear um pensador e um educador do que demonstrando a atualidade de suas contribuições teóricas e práticas, os trabalhos aqui apresentados são de pesquisadores freirianos que celebram o maior pensador e educador brasileiro – assim considerado por agências de pesquisa insuspeitas –, exatamente demonstrando sua atualidade.

Os artigos que compõem este dossiê dialogam, direta ou indiretamente, com o pensamento e com a ação de Freire em vida. É evidente que a obra *Pedagogia do oprimido* (1970) – publicada pela primeira vez no Uruguai e, logo em seguida, nos Estados Unidos e vindo a lume em mais cinco países antes de ser publicada no Brasil – tornou-se o “carro chefe” de seu legado no século passado e vem se tornando um dos livros mais traduzidos e mais lidos no mundo do século XXI, consolidando o conhecimento e o reconhecimento de Paulo Freire como um dos mais importantes pensadores e educadores em

todos os rincões do Planeta. Por isso, as resistências e as críticas que vem encontrando no próprio Brasil, não confirmam o adágio popular de que “santo não faz milagres em casa”, mas é apenas a expressão da “birra” de um grupo, felizmente minoritário, vinculado ao que há de pior no País, incluindo o Presidente da República, que defende a estupidez em lugar da ciência; o ódio em lugar da confraternização nacional e internacional; a xenofobia, o racismo e a homofobia, em lugar do reconhecimento da riqueza da diversidade e do respeito ao direito de todas e de todos e a destruição ambiental em lugar da sustentabilidade. Aliás, seria de estranhar que apoiassem Paulo Freire – uma quase unanimidade mundial –, na medida em que suas propostas representam exatamente o oposto: a clarividência científico-epistemológica, confrontando a ignorância e as trevas; o amor como substrato de qualquer relação humana; o respeito à diversidade, sem confundir diferença com desigualdade; a defesa incondicional dos direitos humanos e a harmonia planetária auferida no cuidado com a Terra, que deve ser entregue intacta às futuras gerações.

A variedade temática, assentada na unidade dos referenciais freirianos dos artigos deste dossiê, confirma um dos sonhos acalentados por Paulo Freire em relação à riqueza de qualquer empreendimento humano: a **unidade na diversidade**.

No primeiro artigo, Afonso Celso Scocuglia defende a tese de que Paulo Freire não congelou suas ideias em um passado estanque, ao contrário, suas temáticas e problematizações contribuem para a história da educação do tempo presente. Procura demonstrar tal assertiva argumentando sobre os “cinco tempos históricos” da construção da obra de Freire. Remete-a ao século XXI e chama a atenção para a atualidade e prospectiva do seu pensamento-ação. Assim, o artigo (embasado em outras sendas de pesquisa do próprio autor) inaugura o dossiê focando o centenário de nascimento do educador do presente e do futuro.

O segundo artigo, de Carlos Francisco Bauer, circunscreve-se na nova leva de trabalhos que têm vindo ao lume depois que Anibal Quijano desenvolveu o conceito de “colonialidade” e outros pensadores e pensadoras

não “eurocêntricas/os” (latino-americanos, asiáticos e africanos) o secundaram, criando uma nova corrente de pensamento pós-colonial, a respeito dos processos civilizatórios alternativos aos padrões universalistas-colonizadores europeus.

Na sequência, Sandro de Castro Pitano apresenta uma cartografia dos autores e autoras que influenciaram a construção do pensamento de Paulo Freire. Por meio de mapas, indica a distribuição das influências teóricas constatadas na pesquisa bibliográfica de base. Quanto à temporalidade dos escritos de Freire segue “uma sequência cronológica: Brasil, até o ano de 1964 (1); exílio, entre os anos de 1964 e 1979 (2); retorno ao Brasil, entre os anos de 1980 e 1990 (3); gestão da educação em São Paulo e últimos escritos, englobando os anos de 1991 a 1996 (4); e as publicações póstumas (5)”. Como resultado importante, Pitano identifica as principais bases internacionais das ideias de Freire, assim como as influências brasileiras (distribuídas espacialmente) da sua obra.

No texto subsequente deste dossiê, um dos mais profundos conhecedores do legado de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, nos brinda (sem trocadilho) com um artigo brilhante sobre a proximidade entre o Marxismo e pensadores e educadores católicos da década de 1960 no Brasil. Esta aproximação entre o pensamento cristão, mormente o católico, e o materialista-dialético tem sido objeto de estudos mais contemporâneos: por exemplo, Walter Martins de Oliveira defendeu uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), transformada em livro¹, na qual busca desvendar como Paulo Freire buscou a conciliação entre suas convicções espirituais e o materialismo histórico-dialético de Karl Marx e seguidores. Brandão, como ninguém, uma vez que é protagonista importante do tema que analisa, demonstra como a parcela progressista da Igreja Católica dos anos 60 do século passado não teve problemas em usar e abusar de categorias materialistas-dialéticas na sua luta pela construção de uma sociedade

¹ OLIVEIRA, Walter Martins de. *Paulo Freire entre Cristo e Marx*. 2. ed., São Paulo: Big Time, 2020.

democrática mais justa do ponto de vista social, demonstrando que não dá para ser fiel ao evangelho sem luta pela igualdade na diversidade.

Paulo Freire, como poder-se-á constatar no texto seguinte, da autoria de Ariosvalber de Souza Oliveira, ao aproximar-se da Escola de Frankfurt, buscou referenciais na obra de Erich Fromm, especialmente o conceito de necrofilia, que acabou transformando em uma dramática e forte metáfora da atuação da/o docente na educação bancária – outra metáfora freiriana que, infelizmente, vem se tornando realidade concreta nos sistemas educacionais, na medida em que o capital aberto avança sobre a área educacional, transformando-a em um negócio altamente lucrativo. De fato, a perversão de só sentir prazer na relação sexual com cadáveres aplica-se, metaforicamente, à(ao) professora que chega ao gozo, mantendo uma relação em sala de aula em que os estudantes são mortos-vivos passivos a escutarem preleções narcísicas de que “dá aulas”. Entretanto, o texto em tela trata de uma possível aproximação entre Freire e Adorno, especialmente no que diz respeito à categoria contrária: a emancipação humana por meio da educação.

Já o texto de autoria de Fernanda dos Santos Paulo faz justiça a um dos educadores e pensadores freirianos mais importantes do mundo: Carlos Rodrigues Brandão. Brandão, como o chamamos na intimidade, trabalhou diretamente com Paulo Freire e, na qualidade de antropólogo, tem emprestado às formulações freirianas, especialmente ao conceito de Educação Popular, fundamentos antropológico-políticos da mais alta qualidade. Aliás, se, como sempre afirma Moacir Gadotti, a concepção de Educação Popular é a mais importante contribuição pedagógica da América Latina ao pensamento pedagógico mundial, é em Paulo Freire e em Carlos Rodrigues Brandão que ela encontra seus fundamentos, suas metodologias e seus procedimentos mais oportunos e consequentes.

No texto subsequente, Maria Eurácia Barreto de Andrade e Sineide Cerqueira Estrela descrevem, e analisam a própria experiência de tentativas de aplicação dos princípios freirianos na própria docência, lançando mão dos referenciais do pesquisador português Antônio Nóvoa, que é um dos grandes

especialistas nas questões biográficas e autobiográficas de docentes. Esta aproximação entre o pensamento de Freire e o de Nóvoa é bastante pertinente, no que diz respeito ao exercício do magistério, pois ambos, nesta perspectiva, trabalham para o empoderamento dos professores e professoras.

Já o artigo de autoria de Cristiane Garcez Noronha Duttel e Patrícia Signor se debruça sobre a formação docente como auto(trans)formação, conceito desenvolvido pela pesquisadora Marie-Christine Josso, cuja obra *Experiências de vida formação* (2004), publicada pela Editora Cortez de São Paulo. Um diálogo interessante é estabelecido pelas autoras com a obra de Paulo Freire, mormente no que diz respeito de que toda educação é, na verdade autoeducação, fazendo avançar a discussão sobre a chamada “educação continuada” ou (auto) educação permanente de professores, a partir de círculos de cultura que se transformam em verdadeiros círculos epistemológicos.

Danilo Streck é um conhecido pensador da educação brasileira, que tem pontilhado sua carreira docente com inúmeras orientações de dissertações e teses de doutorado no sul do País. O trabalho que divide com sua orientanda Diandra dos Santos de Andrade trata da formação docente, com ênfase nas formulações curriculares, sob a ótica crítica freiriana, é uma importante contribuição, pois os estudos curriculares têm sido escassos no Brasil e, mais rarefeitos ainda sob os referenciais de Paulo Freire.

O texto subsequente, da autoria de Josefa Lieuza Leite e Maria Edileuza da Costa Maria aborda um tema que tem sido mais frequente nas pesquisas na área de educação: as relações entre literatura e a formação de adolescentes no Ensino Médio. No entanto, este artigo apresenta uma originalidade, ao confrontar a categoria “situação-limite” de Paulo Freire com as situações do universo romanesco.

O trabalho de Valdirene Eliane Bailon de Souza e de José Márcio Silva Barbosa, ambos da Universidade Federal de Viçosa, destaca a possibilidade de exploração do pensamento e da prática de Paulo Freire nas questões da gestão educacional. Como se sabe, além das reflexões teóricas, Paulo Freire

deu uma grande contribuição à administração educacional, no Governo da Prefeita Luíza Erundina à frente da cidade de São Paulo, inclusive, escrevendo, depois de sua saída, um importante livro sobre a experiência: *A educação na cidade*².

O artigo de Andrea Mulas, da Fundação Basso, da Itália, estabelece profundas relações entre a obra de Paulo Freire e os direitos humanos, aliás, uma especialidade de mencionada Fundação. Conecta, também, a obra de Freire com o trabalho de Linda Bimbi – a primeira tradutora de *Pedagogia do oprimido* para o italiano, uma das primeiras publicações da obra no mundo, pela Editora Mondadore – e que militou pelos direitos humanos no Brasil, sendo daqui deportada em tempos mais obscuros. A retomada da temática na perspectiva que lhe confere Andrea Mulas vem a propósito deste momento de trevas no país, especialmente por sua defesa incondicional do respeito aos direitos humanos.

O 13.º texto deste dossiê, de autoria de Arilu Cavalcante Pequeno e Luiz Gonzaga Gonçalves, aproxima o pensamento de Paulo Freire das categorias do neurobiólogo chileno Humberto Maturana, nascido em 1928 e falecido em 6 de maio de 2021, para abordar um tema que algumas pensadoras e pensadores somente dele se aproximam com certo constrangimento: o amor. Já faz algum tempo que, pelo desgaste do termo e do conceito a que ele se refere, o amor que vinha sendo evitado, foi retomado por Paulo Freire pelo viés – por incrível que pareça – por meio de Che Guevara, que chegou a afirmar que a revolução é impossível sem amor, pois a própria revolução é um gesto de amor. Neste sentido, o texto é muito bem-vindo, pois agrega as formulações de outros pensadores, como Maturana e Edgar Morin, ao tratar

² Lamentavelmente, descaracterizado na sua última edição, numa espécie de “jogada editorial”, no momento das comemorações do centenário de nascimento de Paulo Freire, em 2021, os organizadores da edição “reorganizaram” o livro, mudando, inclusive seu título, e nele acrescentando outros textos, que não são da autoria de Paulo Freire – e que até poderiam ter constituído uma outra obra. E porque o lamento? Simplesmente porque, ao contrário do que afirma um dos organizadores da nova edição, esta era uma das publicações preferidas de Paulo Freire, com seu título original, conforme declaração registrada pelo próprio autor. É estranho descaracterizar uma obra, fazendo, inclusive, desaparecer seu título, quando seu autor não está mais entre nós. Esperamos que, nas próximas edições, seja restaurada a integridade e a originalidade da obra de Freire.

de um tema tão importante no campo da educação, especialmente nestes tempos “bicudos” de desamor em que estamos vivendo.

Eliacy dos Santos Saboya Nobre elegeu para objeto deste seu artigo uma das categorias mais importantes do pensamento de Paulo Freire: a “politicidade”. Sim, cabe o neologismo para não se confundir a presença da dimensão política em todas as relações humanas. Aliás, para Freire, toda e qualquer relação humana é sustentada pela dimensão política, que precede e dá substrato à outra dimensão, aquela específica da relação em tela. Dizendo-o de um modo mais simples, mesmo a relação paternal, por exemplo, apresenta duas dimensões: uma política e uma afetiva. No entanto, é a primeira que sustenta a segunda e fundamenta a relação. Porém, não se pode confundir politicidade com “eleitoralidade” e nem se considerar que a sala de aulas é um palanque e a própria aula um comício. A dimensão política é determinada pelo fato de os seres humanos estarem inseridos em contextos histórico-sociais específicos. Por, também para a Freire, a leitura do mundo precede e sustenta a leitura da palavra, pois, também nas relações educacionais, a dimensão política está sempre presente.

O artigo de Marcio Fernando Gomes é parte do resultado de seu estágio pós-doutoral na Universidade de Barcelona. Ele tem como foco os fundamentos epistemológicos referenciados em Paulo Freire e que são muito aplicados em universidades espanholas, mormente na “Tertúlia Literária Dialógica”, evento criado em 1978 e que sendo realizado em um bairro industrial de Barcelona. Constitui-se de leituras e de estudos de textos clássicos com base em verdadeiros círculos de cultura, portanto sob a metodologia do diálogo. O trabalho dá uma dimensão da influência freiriana em terras ibéricas. Foi na Universidade de Barcelona que Paulo Freire recebeu um de seus mais de 30 títulos de Doutor *Honoris Causa* e foi aí que um dos organizadores deste dossiê (J. E. Romão) esteve cerca de três décadas depois, representando o homenageado, podendo aquilatar o quanto Freire continua pontificando naquela Instituição de Educação Superior ainda nos dias de hoje.

O penúltimo artigo que compõe esse dossiê é da autoria de Inês Barbosa de Oliveira, da Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ), uma reconhecida pesquisadora do pensamento de Paulo Freire no Brasil, faz uma aproximação entre as categorias desenvolvidas pelo Patrono da Educação Brasileira e pelo jurista Boaventura de Sousa Santos, aplicando-as na análise da emancipação nas categorias passado, presente e futuro.

O texto que “fecha” este dossiê – mantendo-o, porém, aberto ao diálogo – é da autoria de um testemunha ocular da história, pois conviveu e trabalhou com Paulo Freire por cerca de 16 anos. José Eustáquio Romão, co-fundador do Instituto Paulo Freire do Brasil – o primeiro a ser criado no mundo, ainda com a presença do próprio Patrono. Este autor vem tentando reinventar o legado deixado por Freire, seja nas obras teóricas, seja na militância, mas, sempre esbarrando nos limites dos direitos autorais. A propósito, brinda-nos com suas reflexões sobre legado, herança e direitos autorais, cujas relações quase sempre estão em conflito e gerando tensões entre herdeiros e legatários da obra de um pensador como Paulo Freire. São reflexões que podem ajudar no enfretamento dos dilemas que resultam das dificuldades interpostas por herdeiros e herdeiras ao legado de outros grandes brasileiros.

Cabe, aqui, uma explicação final sobre uma forma de derivação de palavras na língua portuguesa, que tem perpassado alguns os textos deste dossiê. Como se sabe, os afixos (prefixos e sufixos) são portadores de significado e, por isso invariáveis. Assim, quando se deriva um adjetivo de um determinado nome próprio e a vogal temática (final do nome próprio) encontra-se com vogal do sufixo e, por razões de eufonia, torna-se adequado eliminar uma das vogais. No entanto, a que deve ser eliminada é a vogal temática e, jamais, a do sufixo, pois alteraria seu significado. Assim, os adjetivos derivados de “Freire”, com o sufixo “iano”, devem ser grafados com “i” e, não, com “e”, como em “freiriano”. E como Paulo Freire era rigoroso com a língua, jamais hesitando em respeitar a norma na derivação de palavras – não se pode esquecer os inúmeros neologismos criados por ele, sempre respeitaram as regras de formação de palavras –, substituímos todos os “freireanos” por “freirianos”. Além disso, para os/as que insistem na forma não regular, é preciso lembrar que os membros da família foram consultados

sobre qual seria a forma empregada por Paulo Freire, se ele estivesse vivo e houve unanimidade pela forma gramaticalmente correta, inclusive, porque seria uma nascísica vaidade grafar na outra forma. E a vaidade jamais fez parte do quadro moral do Patrono da Educação Brasileira.